# Em defesa das seções do Banco Central

sta edição, mostramos o duro embate da Campanha Salarial 2012, as decisões da categoria, a luta pela aprovação da PEC 555/2006, que tenta reconquistar direitos de servidores e aposentados eliminados pela reforma da Previdência de 2003, agora questionada, como a Tributária, pelo julgamento da Ação Penal 470, conhecida como "mensalão".

No rumo do 25° aniversário do Sinal, a ser comemorado em 2013, fazemos, simbolicamente, a ponte Sul-Norte. Dialogamos com gerentes da seção Porto Alegre do Banco Central do Brasil, que opinaram sobre a fundamental presença do BC no desenvolvimento econômico e social do país, conforme determinação do artigo 192 da Constituição, ainda não regulamentado.

Não por acaso, decidimos pela realização da XXV Assembleia Deliberativa Nacional (AND), instância máxima do Sinal, em Belém, que abriga a representação regional do BC mais ameaçada pela "modernização tecnológica". Essa modernização favorece a centralização de dados na Capital, provocando a descaracterização local, ou mesmo o desmonte, da ainda incipiente presença do Bacen nas unidades da Federação.

Neste país de contrastes, pergunta-se: como poderemos obter crescimento econômico em meio à brutal desigualdade social entre as regiões do Brasil, observada em todos os segmentos, como nos mais de 5 milhões de jovens entre 18 e 15 anos desempregados, em especial no Norte e Nordeste?

Diferentemente dos "meninos" espanhóis, há mais de um ano em movimento na busca de emprego a uma mão de obra qualificada que atravessa a crise europeia, nossos jovens não adquirem trabalho por não terem acesso nem mesmo encanto à educação e qualificação profissional.

Como estará a nação daqui a poucos anos? Como os aposentados serão substituídos em funções de excelência? Como estarão velhos e jovens brasileiros, que hoje já não têm muito a contar com o Estado em defesa de seus direitos de cidadão? Será que um dia nossos idosos viverão como vivem os hóspedes do Residencial Menino Deus, de Porto Alegre? Registra-se que, no final de setembro, a Organização das Nações Unidas (ONU) anunciou que, em 10 anos, o mundo terá 1 bilhão de idosos.

Daí a importância, em nosso entendimento, da participação social, da luta por uma causa, do nosso envolvimento, enquanto indivíduo, para o fortalecimento da nossa soberania, abençoada em 8,5 milhões de quilômetros quadrados, e pela melhoria da qualidade de vida de todos nós!

Sérgio Belsito Presidente Nacional do Sinal



#### **EXPEDIENTE**

#### **Revista Sinal Plural**

Revista do Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal)

#### **Sede Nacional**

SCS Quadra 01 - Bloco G sala 401 - Térreo Ed. Bacarat – Asa Sul – Cep 70.309-900 Brasília - DF | Telefone: (61) 3322-8208 nacional@sinal.org.br | www.sinal.org.br

#### Diretoria Executiva Nacional Biênio 2011/2013

*Presidência* Sérgio da Luz Belsito

Diretor de Comunicação Gustavo Diefenthaeler

Diretor Secretário Júlio Cesar Barros Madeira

*Diretora Financeira* Ivonil Guimarães Dias de Carvalho

*Diretor Jurídico* Luiz Carlos Alves de Freitas

Diretor de Assuntos Previdenciários Eduardo Stalin Silva

Diretor de Relações Externas José Ricardo da Costa e Silva

Diretor de Estudos Técnicos Edilson Rodrigues de Sousa

Diretor Extraordinário para Assuntos Intersindicais Iso Sendacz

Diretor Extraordinário de Qualidade de Vida José Vieira Leite

#### Presidentes Regionais

Belém: Pedro Paulo Soares Rosa

Belo Horizonte: Bruno Colombo Figueiredo

Brasília: José Ricardo da Costa e Silva

Curitiba: Miguel Hostilio Silveira Vargas

Fortaleza: Julia Walesca

Porto Alegre: Alexandre Wehby

Recife: Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes

Rio de Janeiro: João Marcus Monteiro

Salvador: Epitácio da Silva Ribeiro

São Paulo: Aparecido Francisco de Sales

#### **Equipe da Sinal Plural**

Editora | Jornalista Responsável Myrian Luiz Alves (MTb 26891/95 - SP)

Designer Gráfico

Michelle Callegario da Silva

Suporte

Edemilson Santos Tavares Jorge Manoel Custódio Júnior

#### Ficha Técnica

Impressão

EDG - Editora Gráfica

Tiragem

4000 exemplares

*Impresso em Papel Reciclato* Capa - 180gr | Miolo - 90gr

A PROPERTY OF THE PARTY OF THE
DEBATE/AND  A importância da processo da P.C nos conitais
A importância da presença do BC nas capitais
SAÚDE/AMBIENTE
SAUDE/AMBIENTE  OGM pode triplicar incidência de câncer
HUMANIDADE
Haiti 15
COTIDIANO O direito à vida independendte
O direito à vida independendte
ECONOMIA
Estatais gastam apenas 46% do previsto
THE STANK AND TH
SERVIDORES NO PLANALTO
A luta pela PEC 555/2006
CAMPANHA SALARIAL
Governo Dilma é contra o funcionalismo?
1960
ARTIGO
O papel do Congresso Nacional na mediação 30
de negociações do governo com os servidores
NAS REGIONAIS
Prédio do BC na Gamboa, área portuária do
Rio, fere isonomia legislativa
ASSOCIAÇÃO
Mensagem pessoal: uma crença!
The same
HISTÓRIA
Do Sul ao Norte, uma vida
CULTURA
Casas culturais em Porto Alegre e Belém
William ROOM
Capa: Ipê amarelo em Brasília, setembro de 2012. Em 1961, o então presidente da República,
Jânio Quadros, declarou o Ipê amarelo a Flor Nacional. Hoje, é a flor símbolo do Brasil.
Fotos: William Aguiar (capa, Ipê amarelo), Gustavo Diefenthaeler (Porto Alegre), Denise Viola (Haiti), Vaner Marinho (Porto Franco), Tereza Sobreira (Rio Araguaia), Myrian Luiz Alves (Residen-
cial e Nereu Ramos), Arquivos Sinal (XXIV AND) e Fenasbac (Acampamento Farroupilha).

# SINAL

# Belém sediará XXV AND



A Assembleia Nacional Deliberativa (AND), instância máxima do Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal), será realizada em Belém do Pará entre os dias 15 e 18 de novembro de 2012, semana da Proclamação da República.

Os temas a serem discutidos são: Alterações Estatutárias, Valorização das Regionais e Política Salarial. A Comissão Organizadora é coordenada pelo diretor de Estudos Técnicos, Edilson Rodrigues de Sousa, com a colaboração do diretor Secretário, Julio Cesar Barros Madeira, do diretor de Comunicação, Gustavo Diefenthaeler, e da assessora da Nacional, Sandra de Sousa Leal. Para ampliar os debates preparatórios, serão disponibilizados blogs sob responsabilidade dos Conselhos Regionais de Curitiba (Alterações Estatutárias), Rio de Janeiro (Valorização das Regionais) e Belo Horizonte (Política Salarial).

Para subsidiar o tema central da AND, nos dias 13 e 14 ocorrerá, também capital paraense, o seminário Fórum Valorização das Regionais (isso é QVT!).

#### Valorização das Regionais

A de Belém, na capital do segundo maior estado do país e o mais rico e populoso da região Norte, é a seção do BC mais atingida pelo "desmanche das Regionais".

A assembleia debaterá a ausência de políticas referentes à relação sede-regionais com o objetivo de propor medidas e ações contra o sucateamento e a favor da valorização das representações do BC e a promoção efetiva do Sistema Financeiro Cidadão, conforme o artigo 192 da Constituição Federal. A AND também defenderá a melhoria contínua da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), incluindo o aperfeicoamento do Programa de Saúde (PASBC).

#### Política salarial

A discussão e a consolidação de diretrizes deste tópico incluem a criação e definição de regras e critérios para a constituição de capitalização de fundo de greve.

#### A AND

A Assembleia Nacional Deliberativa determina os rumos e estratégias do Sinal para os próximos dois anos. Posteriormente à sua realização, de acordo com o Estatuto do Sinal, as decisões da AND serão submetidas a uma Assembleia Geral Nacional (AGN), em pauta nacional, expressando as reivindicações da categoria.

## **Participantes**

Todos os participantes - filiados e dirigentes delegados, eleitos até 1º de outubro - têm peso e oportunidades iguais de manifestação. A AND é uma oportunidade de construção coletiva de propósitos comuns. É a possibilidade de passar do papel de espectador para o papel preponderante de ator, interferindo nessa construção e acompanhndo a elaboração dos resultados.

# A importância da presença do BC nas capitais

significativa a decisão do Sinal de realizar a Assembleia Nacional Deliberativa, sua instância máxima, em Belém do Pará, a única capital situada ao Norte do país que conta com uma representação do Banco Central.

O estado concentra o maior depósito ferrífero do mundo na Serra do Carajás, com 18 milhões de toneladas do minério e grande concentração de manganês, zinco, níquel, cobre, ouro, prata, bauxita, cromo, estanho, tungstênio e urânio.

O aquífero Alter do Chão, sob os estados do Pará, Amazonas e Amapá, é o maior do planeta em volume d'água, enquanto o Guarani é o maior em extensão, situado ao centro-sul do país, Argentina, Paraguai e Uruguai.

No entanto, toda essa riqueza, aliada à beleza de seus rios e florestas, apenas passa pelos olhos de seus cidadãos. Na mesma proporção, o estado concentra grande desigualdade social e redes educacionais e de saúde ainda precárias, sem contar o grave problema da falta de saneamento, comum em quase todo o país.

Se o artigo 192 da Constituição fosse regulamentado, o Banco Central poderia ser fomentador do desenvolvimento econômico não apenas de Belém, mas de toda a área Norte do Brasil, de baixa demografia e com grandes distâncias entre os municípios, foco, atualmente, de correntes migratórias que ocorrem, como sempre, de forma predatória, sem infraestrutura e cuidados básicos de saúde e educação. O artigo estabelece que o Sistema Financeiro Nacional deve ser estruturado de modo a promover o desenvolvimento equilibrado do país, em atendimento aos interesses da sociedade.

Como tudo no Pará é o maior de... a lógica seria não apenas manter como ampliar as represen-



## DEBATE/AND

tações federais com o objetivo de defender os interesses dos cidadãos paraenses e brasileiros de um modo geral. Do contrário, prevalece o oportunismo dos que apenas exploram as riquezas sem nada deixar em contrapartida. Embora o país tenha adotado a política de *royalties*, há muito ainda a ser discutido e fiscalizado. Em Marabá, por exemplo, o quarto município em número de moradores, mas o mais dinâmico do estado por conta da exploração mineral, o esgoto corre a céu aberto, embora manténha a sede da maior brigada militar da América Latina, com jurisdição entre Imperatriz (MA) e o segundo maior município do mundo, Altamira (PA). Diz-se que a área é de "fronteira econômica".

Durante a exploração do garimpo de ouro de Serra Pelada, por exemplo, próxima à Serra do Carajás, no início dos anos 80, o governo federal foi obrigado a instalar, e de maneira precária, algumas de suas instituições para garantir o mínimo de condições socioeconômicas. O Banco Central, por exemplo, recebia a repassagem do ouro da então Docegeo – Rio Doce Geologia e Mineração, uma subsidiária da atual Vale.

Uma lembrança desse período, a maior pepita de ouro, com 62,1 quilos, encontrada em meio ao formigueiro humano que ali se instalou, pode ser vista no Museu de Valores do Banco Central, em Brasília.

Essa situação levou a **Sinal Plural** a conversar informalmente com gerentes da seção de Porto Ale-

gre, que opinaram sobre a necessidade de o Banco Central avaliar sua atual estrutura. "Ele tem papel inescusável. Poderia adotar medidas para estimular a criação de mercados. Em todas as grandes cidades, ou pelo menos nas capitais, o BC deveria estar em contato com o cidadão, mantendo viva sua estrutura, que pode ser adaptada aos respectivos mercados", afirmou um deles.

A alta concentração da sede em Brasília, distante dos mercados, apesar de as decisões serem tomadas com subsídios das seções estaduais, é uma das críticas apresentadas. Segundo outra avaliação, as representações regionais deveriam ser estimuladoras e fiscalizadoras, "enquanto os departamentos centrais têm de estar na sede para não adotarem visão parcial".

O BC, por causa das crises internacionais, vem se destacando no cenário nacional e no do exterior. O trabalho de seus servidores na manutenção da estabilidade e sua competência de fiscalização do setor financeiro é reconhecido por economistas e pela mídia especializada no setor.

Entretanto, como mostrou a campanha salarial 2012, o corpo funcional do banco, como o de outras carreiras estratégicas para o funcionamento do Estado, não é visto com o mesmo respeito por alguns veículos de mídia nacionais, talvez em consequência da forma desrespeitosa com que é tratado pelo atual governo.



# Não é bem assim, presidente Tombini...

Queremos um modelo de BCB que, a exemplo de diversos outros destacados bancos centrais mundo afora, apresente extensa e intensa presença em todo o território nacional, respeitando e incorporando, em sua ação, a imensa diversidade de vocações econômico-financeiras, identidades culturais e realidades sociais do Brasil.

A entrevista do presidente do Banco Central do Brasil (BCB), Alexandre Tombini, publicada na edição número 36 da revista *Por Sinal*, aborda en passant o tema do esvaziamento das representações regionais do BCB, estabelecendo, portanto, de algum modo, relação com os três eixos de trabalho propostos pelo GT Revitalização das Regionais do Grupo QVT Sinal-RJ, a saber: (1) EVIDÊNCIAS DO PROCESSO DE DESMONTE DAS REGIONAIS, (2) MAPEAMENTO DO MODELO ATUAL DE REGIONALIZAÇÃO, e (3) IDENTIFICAÇÃO DE POSSIBILIDADES DE REVITALIZAÇÃO DAS REGIONAIS.

Assim sendo, agradecemos ao Presidente Tombini a oportunidade de, a partir de algumas de suas afirmações, podermos assumir a responsabilidade de prestar alguns esclarecimentos à maior autoridade de nossa instituição.

#### 1 - Não é bem assim, Presidente Tombini...

Não é, a nosso ver, correta, a afirmação "... não estamos adotando qualquer política de centralização de atividades em Brasília", diante das inúmeras decisões neste sentido adotadas pela Administração Central do BCB nos últimos anos. Se não se trata de uma política deliberada, é imprescindível a criação de um espaço voltado para o debate, com transparência, do tema, pois um assunto dessa relevância não deve ser deixado à mercê das marés.

Exemplos de "centralização de atividades" não faltam, mas não convém aqui elencá-los, pois correríamos o risco de reduzir a discussão aos critérios administrativos (ou a falta deles) que conduziram a tais decisões. Ademais, correríamos o risco ainda maior de sermos tão somente ociosos, uma vez que qualquer consulta, formal ou informal, que se faça hoje aos servidores do Banco irá indicar a quase absoluta percepção dos servidores do Banco a respeito da existência, sim, de processo, em curso acelerado, de centralização de atividades (de servidores, de funções comissionadas, de exercício concreto de poder, enfim) em Brasília.

Ao invés disso, melhor convém aproveitarmos o espaço para trazer uma dimensão que julgamos mais substantiva sobre o assunto, que pode ser resumida na seguinte pergunta: que tipo de presença o Banco Central do Brasil quer ter no território nacional? Ressaltamos o verbo "querer", aqui utilizado como expressão de uma vontade política a ser estabelecida a partir de um debate aberto, que contemple a participação ativa do maior conjunto possível (em quantidade e qualidade) de sujeitos sociais, pautado pela busca de caminhos que melhor atendam aos anseios da sociedade brasileira naquilo que se refere aos serviços prestados pela instituição.

A pergunta proposta comporta uma série de outras, sobre as quais a instituição precisa refletir com urgência. É a partir desta reflexão que o futuro das representações regionais, e da instituição como um todo, deverá ser traçado. Não podemos deixar que a questão seja reduzida à dimensão meramente administrativa (ainda que esta seja também importante no sentido de se obter os melhores resultados possíveis com os recursos disponíveis).

Portanto, quanto à questão da "centralização das atividades", ressaltamos a necessidade de se reposicionar o tema, situando-o em uma perspectiva que lance luz sobre a dimensão política que lhe é inerente: a forma da presença do Banco Central do Brasil no território nacional.

#### 2 - Não é bem assim, Presidente Tombini...

Se é verdade que "... não há qualquer diretriz ou determinação para que as regionais sejam esvaziadas", é indispensável que os responsáveis pela Administração Central do BCB definam diretrizes ou determinações quanto ao assunto, pois a instituição está tomando um rumo à sua revelia.

O que se vê, na prática, é a aplicação de uma política de deixar as regionais morrer à mingua, como quando não se tem mais nenhuma esperança em relação à possibilidade de cura e se abandona o doente à sua própria sorte.



O desmonte das regionais tem sido, a nosso ver, um lema da Administração Central do Banco, desde a reestruturação administrativa ocorrida em 1999.

Os resultados concretos da adoção desse lema têm sido, entre outros:

- 1) Crescente des-qualificação do trabalho realizado nas regionais (em decorrência, principalmente, da crescente transferência, para Brasília, do poder decisório, para dizer o mínimo, sobre os mais diversos - até mesmo comezinhos – atos administrativos), em radical des-consideração do preceito Pensar globalmente, agir localmente (uma quase unanimidade contemporânea no que diz respeito às mais adequadas formas de gestão do trabalho adotadas por organizações que se pretendam de vanguarda), esclarecido, obrigatoriamente, que tal preceito, muito ao contrário dos que vêm nele o elogio da ideia "Sede concebe, Regional executa" (entendimento esse amplamente dominante, na atualidade, em nossa instituição), diz respeito, essencialmente, à proposição "Todos concebemos, todos executamos, global-localmente", independentemente de inserção funcional na Sede ou em Regionais.
- 2) Em decorrência direta do item 1, acima, crescente des-qualificação do servidor lotado em regional, que, ao ter crescentemente apequenada a relevância de seu trabalho, tem também crescentemente apequenado, para a Comunidade BCB como um todo e, muito para além disso, para si próprio, o reconhecimento em relação a seu papel social-individual na organização. Expressiva demonstração de tal desqualificação é a frase, proferida por colega encarregado de "recepcionar" aprovados em recente concurso, no momento mesmo de seus primeiros contatos com o BCB: "Se você quiser fazer carreira no Banco, esteja em Brasília".
- 3) Em decorrência direta dos itens 1 e 2, acima, crescente desmotivação do servidor lotado em regional, que, pressionado pela desqualificação de seu trabalho e de si mesmo, pela intensificação de seu trabalho (derivada da reposição crescentemente insuficiente de pessoal), pela falta de perspectiva de ascensão funcional (derivada da transferência crescente de funções comissionadas para Brasília) - tudo isso ocorrendo em uma ambiência de expressiva perda salarial esubmissão a uma cadeia de comando autoritária, não dialogal, insensível às legítimas demandas profissionais-pessoais de seus comandados, muitas das vezes produz servidores des-motivados, alheios à mística do orgulho de trabalhar no BCB, apenas no aguardo do fim do expediente, do término de sua vida funcional. Em uma tal circunstância, inevitável se torna constatar a cada vez mais alarmantemente baixa Qualidade de Vida no Trabalho dos servidores de regionais.
- 3 Não é bem assim, Presidente Tombini ...

Se existe qualquer orientação no sentido de se "... bus-

car maior integração das ações da sede e regionais, de forma a melhor otimizar os recursos disponíveis", alguém precisa informar a Comunidade BCB sobre ela. É bem verdade que há Unidades cujos servidores parecem estar preocupados com o tema, tentando obter os melhores resultados possíveis diante de um quadro lamentável de desmobilização de recursos nas regionais. Mas essa, por certo, não é a regra.

Para que se torne possível a superação de tal quadro de desmobilização de recursos, é fundamental que o Banco adote práticas que não só permitam mas também incentivem a mais ativa participação dos servidores das regionais em todas as esferas das atividades de trabalho, inclusive as de formulação.

E isso porque é pacificamente aceito, entre especialistas contemporâneos em gestão do trabalho, o entendimento de que é mais que relevante a existência, nas organizações, de espaço para a mais ampla aplicação da criatividade – elemento constituinte essencial de todo e qualquer ser humano – ao processo de trabalho.

Certamente há hoje nas regionais inúmeros servidores qualificados para o desempenho de tarefas atualmente centralizadas em Brasília, o que gera a supressão, para esses servidores, da isonomia em trabalho relativamente aos servidores da sede.

Pois, como já o disse o poeta, "A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte".

Não basta que os salários pagos, na sede e nas regionais, sejam iguais.

Muito para além disso, é indispensável que todas as demais dimensões existentes no mundo do trabalho também o sejam.

Só assim será possível falar de busca de maior integração das ações da sede e das regionais, de forma a melhor otimizar os recursos disponíveis.

4 - Retomando, então, com vistas à conclusão deste artigo, a principal questão aqui colocada – Que tipo de presença o Banco Central do Brasil quer ter no território nacional? –, lembramos que o Sinal já dispõe de um conjunto importante de reflexões acumuladas acerca do assunto (contidas na proposta Ártigo 192 da Constituição Federal – SFN Cidadão), que poderiam ser utilizadas no contexto de um amplo e denso debate, intra e extra-muros do Banco, com vistas à obtenção da mais adequada resposta à pergunta em foco.

Queremos um modelo de Banco com dificuldades para o melhor cumprimento de seu relevante papel social, sujeito a "Riscos de RH", podendo, em última análise, até mesmo vir a se tornar refém de instituições a quem cabe normalizar, fiscalizar, orientar? Ou queremos um modelo de BCB que conte com ajustado quadro de servidores, adequadamente ressuprido, em permanente processo de desenvolvimento profissional-social-pessoal, justamente remunerado, dispondo de elevada Qualidade de Vida no Trabalho, com atuação na totalidade de nosso país?

Queremos um modelo de Banco que apenas torne disponível a alternativa de um 0800 para seu contato com o público? Ou queremos um modelo de BCB que ofereça atendimento presencial, pessoal, personalizado às cidadãs e cidadãos que procuram nossa instituição em busca de informações, protocolando reclamações, ansiando por justiça em suas muito desiguais relações com o Sistema Financeiro Nacional?

Queremos um modelo de Banco que, tal qual propunha um ex-presidente do BCB, após ser efetuada a minimalização de sua missão institucional, poderia vir a ser "tocado por oitocentos servidores"? Ou queremos um modelo de BCB que, a exemplo de diversos outros destacados bancos centrais mundo afora, apresente extensa e intensa presença em todo o território nacional, respeitando e incorporando, em sua ação, a imensa diversidade de vocações econômico-financeiras, identidades culturais e realidades sociais do Brasil?

Presidente Tombini:

Que tipo de presença o Sr. julga que o Banco Central do Brasil deve ter no território nacional?

\* Pelo GT Revitalização das Regionais do Grupo QVT-Sinal-RJ

Rio de Janeiro, agosto de 2012

# A descontinuação das Delegacias do BCB/reflexões

Na gestão da diretora Tereza Grossi, foi realizada uma reorganização administrativa da qual ficou como um dos resultados mais marcantes a descontinuação das Delegacias Regionais do Banco.

No momento em que nos propomos a resgatar algo da nossa memória sobre o processo, partícipes que fomos, então, na condição de chefe adjunto ou chefe do Depes, julgamos oportuno recobrar um pouco também da lógica de que faziam parte referidas Delegacias.

Assim sendo, lembramos que as Delegacias eram os instrumentos de decisão descentralizada do banco, dentro do modelo de organização administrativa conhecido como Modelo Funcional. Esse modelo foi adotado na era Berardinelli, diretor que organizou, na década de 1970, o BCB e deu-lhe identidade, encerrando a etapa de criação em que o banco não passava de justaposição de segmentos de outras organizações, destacando-se dentre elas o Banco do Brasil e a Sumoc, que transferiram ao nascente BCB mais atribuições e contingentes de pessoas. Junto com os componentes administrativos que eram remanejados vinham traços culturais e modelos e fórmulas organizacionais e administrativas.

Tudo isso precisava ser amalgamado num modelo pró-

prio, o que o Berardinelli fez, contando com um Departamento de Organização Administrativa - DEORG tecnicamente estruturado e que infelizmente para o banco foi depois também descontinuado. Foi esquartejado e distribuído entre Depes (a parte de organização e análise administrativa) e Deinf (a parte de métodos, da dupla histórica O&M, e Demap, (a parte de Leiaute). Só faltou, à época, salgar o terreno, para garantir que a racionalidade administrativa tecnicamente inspirada não desse frutos ou crias.

O modelo funcional previa Unidades centrais formuladoras de políticas e planejadoras de estratégias, estabelecendo também normas administrativas que garantissem coerência a uma execução descentralizada para junto dos fatos por meio das Delegacias Regionais. Essas Delegacias foram depois chamadas Departamentos Regionais. Talvez essa redenominação como Departamentos em lugar de Delegacias já denunciasse a incompreensão da cultura quanto ao modelo. A representação descentralizada do banco pelos então Delegados incomodava aos Chefes dos Departamentos Centrais, que queriam ter poder total sobre o que entendiam deveriam ser meras projeções regionais de suas Unidades. Aos

# DEBATE/AND

Delegados restaria o papel de síndicos de condomínios, com papel executivo apenas sobre as questões administrativas de suporte, apoio e logística. E a guerra por supremacia num conflito de autoridade que era percebido pelos executivos, mas que, na realidade, não existia, pois a Autoridade Administrativa era dos executores descentralizados (delegacias) e a Autoridade Técnica era dos Formuladores Centrais (Departamentos Centrais). Não funcionou. Cada um se sentia invadido e esvaziado pelo outro. Outro problema é que os agentes de mercado procuravam atenuar o grande poder que o Órgão tinha, contribuindo para a confusão de papéis, ora despachando com uns ora com outros, e sempre reclamando muito. No melhor estilo família, em que o filho aprende o que pedir à mãe e o que pedir ao pai, buscando minimizar a autoridade de ambos e escapar do poder que os dois teriam se agissem em sintonia e complementação.

Por que tudo isso ocorreu? Arrisco dizer que foi por não ter sido bem sedimentada a lógica de separação da formulação e execução. Para que essa separação funcione, é preciso que os papéis, distintos, porém complementares, dos componentes de execução e de formulação sejam muito bem compreendidos e aceitos. Para tanto é também fundamental que existam dinâmicas integradoras dos dois agentes e dos dois papéis, sem as quais a formulação perde realismo de viabilidade pelo distanciamento dos fatos e a execução perde a visão holística do todo e a profundidade técnica. Hoje em dia se usa a fórmula de comitês que reúnem os planejadores /formuladores e os executores descentralizados para se integrarem. Isso à época ou não existia ou não era bem usado.

Tudo isso exige um corpo de gestores vocacionado e preparado para o exercício dos misteres da gestão. E nossa cultura administrativa o mais comum é improvisarmos gerentes a partir dos melhores técnicos, não conseguindo dispor dos primeiros e perdendo os segundos. Restam gerentes centralizadores e estrategicamente míopes, que, sobrecarregados, não conduzem suas equipes ao desenvolvimento e realização do seu potencial. São tecnicamente preparados, mas gerencialmente fracos ou mesmo desinteressados em gestão.

Na esteira disso tudo é que ocorreu o fim do modelo funcional e o loteamento das Delegacias (então já Departamentos Regionais). Naquela ocasião ainda tentamos sugerir a subordinação administrativa dos Delegados aos chefes de Departamentos Centrais, por assunto e componente regional especializado, o que não foi aceito porque era também muito inovador para a época e os expunha a múltiplas subordinações. Seriam todos Chefes Adjuntos Regionais. Achavam que tinham peso específico e político para sobreviver à ideia de centralização. Não tiveram.

Vencidas então as tentativas de preservar os Departamentos Regionais, tentou-se dar aos Gerentes Administrativos, que iriam suceder os Delegados/Chefes de Departamentos Regionais, um papel de facilitadores de convivência entre as áreas que estavam passando a ser apenas divisões regionais de cada Departamento Central detentor das competências que lhes cabiam. Eles teriam agora apenas o comando dos componentes de infraestrutura de cada praça. Isso não tinha a força necessária para arbitrar conflitos e racionalizar a utilização de recursos, principalmente num modelo em que cada representação regional técnica se reportava, agora tecnicamente e também administrativamente a um Chefe de Departamento Central diferente. Perdeu-se economicidade e agilidade nas decisões. Ganhou-se algo com o fim do conflito de autoridade entre Chefes e Delegados, mas ficaram inviabilizados os ganhos que o modelo funcional propiciaria com a execução descentralizada e o planejamento centralizado.

Se me perguntarem em qual modelo acredito mais, diria que o Funcional. Sua aplicação no Banco Central não se esgotou, ele foi descontinuado. Se for possível retomá-lo à luz da experiência vivida, com mais integração organizacional, mais visão sistêmica, menos resistência entre áreas técnicas. Com gestores preparados tecnicamente para gerir e para atuar com menos personalismo e mais visão sistêmica, com instâncias e dinâmicas integradoras (comitês), com o suporte de um componente organizacional que cuida da racionalidade administrativa (o Depog) que à época das Delegacias era o Deorg, tem grandes chances de dar certo. Outra coisa que se tem que rever é a quantidade e localização dos componentes de execução (descentralizados). Seriam apenas as praças onde já existimos? Todas elas?

O país mudou muito, e a tecnologia de informação e comunicação permite fórmulas que não funcionariam na época das Delegacias para atendimento centralizado ao público. A gestão do meio circulante já foi grandemente terceirizada. As sedes das instituições financeiras estão em São Paulo, em sua quase totalidade, e em Brasília, apenas os bancos públicos. Aliás, isso já era um dos grandes argumentos da Diretora Tereza em defesa do modelo que propunha. O relacionamento com a comunidade já é em grande parte virtual e tende a ser mais ainda. É a minha modesta contribuição para o resgate da memória. Outros atores da época poderão corrigir o ampliar estas minhas reflexões.

Que não se faça nada sem a prevalência do espírito público. De servir o melhor e mais economicamente aos nossos concidadãos, ao nosso país. Funcionários públicos devem sempre priorizar o bem público e ter espírito de doação. Nunca pôr-se em primeiro lugar.

\*Mardonio Walter Sarmento P. Silva Brasília, maio de 2012



A Universidade de Caen, na França, divulgou em setembro pesquisa confirmando que ratos alimentados com organismos geneticamente modificados (OGM), os transgênicos, morrem antes e sofrem de câncer com mais frequência do que os alimentados naturalmente. Segundo o coordenador do estudo, professor Giller-Eric Seralini, o resultado é alarmante. "A mortalidade entre as fêmeas chega a ser duas ou três vezes maior e há duas ou três vezes mais tumores em ratos dos dois sexos tratados com OGM". O estudo, segundo informou a AFP, foi financiado pela Fundação Ceres, bancado em parte por 50 empresas, algumas do setor de alimentação que não produzem OGM, e pela Fundação Charles Leopold Meyer pelo Progresso da Humanidade.

## Governo incentiva produção de orgânicos

Em agosto, a presidente Dilma Rousseff assinou o decreto 7.794, instituindo a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica.

O objetivo é integrar, articular e adequar políticas, programas e ações indutoras da transição agroecológica e da produção orgânica e de base agroecológica, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da população, por meio do uso equilibrado dos recursos naturais e da oferta e consumo de alimentos saudáveis.

## Até tu, Mike Roberts?

Depois de trinta anos no comando global do *McDonald's*, o ex-presidente da empresa acaba de criar uma rede de restaurantes de alimentação saudável, a *Lyfe* (*Love Your Food Everyday*). Os produtos são orgânicos, com pouco sódio e baixa caloria. A imprensa mundial já faz comparações entre a *Lyfe* e a famosa rede de *fast-food*, mostrando a evolução dos negócios de Roberts.



# Gaúchos contra os transgênicos

Foi a partir do final da década de 1990 que as sementes de soja transgênica chegaram ao Brasil clandestinamente, via Argentina. Como o plantio ilegal da soja no Rio Grande do Sul avançava cada vez mais, em 1999 agricultores da região de Tupanciretã foram para as ruas. Carros de fiscais do Ministério da Agricultura e da polícia foram bloqueados. Produtores adotavam a tecnologia alegando que a soja transgênica tinha menor custo de produção e manejo mais fácil.

Somente com a Medida Provisória 223, em 2004, o plantio do grão geneticamente modificado foi autorizado para a safra 2004/2005. Em 2005, com a legalização da soja GM, a Monsanto passou a cobrar *royalties* dos produtores.

Em 2009, a partir de ação coletiva de diversos sindicatos rurais do Rio Grande do Sul contra a empresa, que exige 2% de pagamento de

royalties na comercialização da soja transgênica, a 15ª Vara Cível do Rio Grande do Sul determinou a suspensão da cobrança, e a sentença foi estendida para todo o país. Em outro processo, o Tribunal Regional Federal da 4ª Região condenou a Monsanto do Brasil a pagar indenização de R\$ 500 mil por danos morais causados aos consumidores ao veicular, em 2004, propaganda que relacionava o uso de semente de soja transgênica e de herbicida à base de glifosato como benéficos à conservação do meio ambiente.

Atualmente o Brasil é o segundo maior produtor mundial de transgênicos – são mais de 25 milhões de hectares espalhados pelo país. Segundo relatório de agosto da *Céleres* (*Your Agribusiness Intelligence*), o Mato Grosso produz 9,6 milhões de hectares (incluindo soja, milho e algodão), o Paraná, 6,6 milhões de hectares e o Rio Grande do Sul, 5,4 milhões de hectares.

Sandra Alves - Naturalista

# Recursos públicos financiaram Monsanto

Curiosamente, em 2000, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou o Fundo de Investimento do Nordeste (Finor) constatou repasse de mais da metade dos R\$ 468 milhões de recursos do fundo para a fábrica que a Monsanto construía no Polo Petroquímico de Camaçari, na Bahia. O elevado aporte de recursos, R\$ 285 milhões, no projeto chamou a atenção do então vice-presidente da CPI, o atual senador José Pimentel (PT-CE). "Queremos esclarecer os critérios que levaram a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) a aprovar esse empreendimento que terá investimento significativo, mas cria poucos empregos", reclamava Pimentel, propositor da comissão.

Do primeiro grito mundial pela libertação negra à reconstrução do Estado nacional



Caverna em Bassin Zin

Desde 2004, profissionais do Brasil e de outros países participam de trabalhos voluntários no Haiti, o mais pobre país do continente. A radialista Denise Viola conta-nos um pouco sobre as oficinas da Amarc Brasil e TV Canal Saúde/Fiocruz, realizadas em agosto

#### **HUMANIDADE**

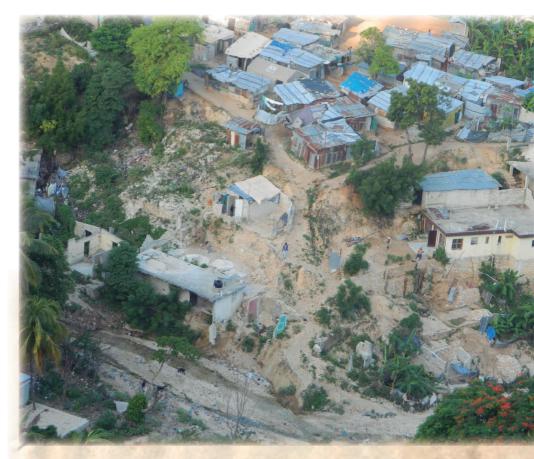


Brasil lidera há oito anos a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah), com o maior contingente militar e do Force Commander da missão.

Atualmente chefiada pelo general Fernando Rodrigues Goulart, a Minustah conta com cerca de 10 mil militares da Argentina, Benin, Bolívia, Brasil, Canadá, Chade, Chile, Croácia, França, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Portugal, Turquia e Uruguai.

Vários intercâmbios, por meio de organizações não governamentais ou missões ministeriais, são realizados naquele país, o primeiro do mundo a libertar a escravidão (1794) e o segundo das Américas a conquistar sua independência, em 1804.

Em agosto, foram realizadas na capital Porto Príncipe oficinas da TV Canal Saúde/Fiocruz no âmbito da Cooperação Internacional Tripartite entre Brasil, Cuba e Haiti, realizadas em agosto no país, o mais pobre das Américas, outrora a mais próspera das colônias francesas do "Novo Mundo".



"Este coração endurecido, cuja batida
não sintoniza minha língua, meus costumes
Sentimentos deixados para trás, a ferida
deste aperto, dívidas de mim, negrumes
da Europa, pudera você ter na lembrança
esse aperto, pudera sentir desespero tal
Como acalmar, com palavras da França,
Este coração que veio do Senegal?"

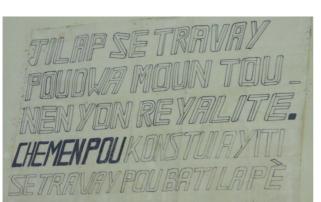
(Traição, de Léon Laleau, 1892-1979. Natural de Porto Príncipe, é um dos mais importantes escritores do Haiti. Político e diplomata, foi ministro das Relações Exteriores, Educação, Agricultura e do Trabalho. Chefiou missões diplomáticas em Roma, Paris, Londres, Santiago e Lima. Como embaixador, esteve em missões especiais no Panamá, Cuba, Nações Unidas e Unesco. Foi um dos signatários do acordo que encerrou a ocupação dos Estados Unidos em seu país, em julho de 1934.)

# **Amarc Brasil no Haiti**

FOTOS E TEXTOS: DENISE VIOLA | RADIALISTA



"O caminho para a reconstrução do Haiti é pela edificação da paz", diz o cartaz, abaixo, em creole, idioma falado por quase toda a população





A água do riacho é utilizada para todos os fins, inclusive beber e lavar a roupa, apesar de receber todos os dejetos humanos



Projeto coordenado pelo Canal Saúde trata de informações sobre Aids, cólera e outras doenças



Problemas econômicos e climáticos "desaparecem" durante momentos como os do futebol, em "peladas" semelhantes a dos meninos e meninas do Brasil

Em 18 de agosto de 2004, o Haiti viveu momentos de alegria, embora perdendo de 6 a 0 contra a seleção brasileira no amistoso proposto pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Rebeldes tentaram trocar armas por ingressos para poder ver os astros do futebol brasileiro, como Ronaldo, na época, jogador do Real Madrid.

A presença do craque deixou os haitianos em festa. Emocionado, o "Fenômeno" registrou: "Para ajudar a interromper uma guerra, eu estaria à disposição de qualquer governo".





malária, diarreias, tuberculose e AIDS, e experimentaram diversos formatos radiofônicos para abordar a saúde da população.

Com índices alarmantes de analfabetismo, fornecimento de energia elétrica precário e situação financeira ruim, o rádio é o

veículo de comunicação e mobilização mais adequado para passar noções básicas de higiene e cuidados para evitar as doenças, assim como para informar as formas de tratamento e onde buscá-las.

Como representante da Rede de Mulheres da Associação Mundial de Rádios Comunitárias - Amarc Brasil, contribuí para o processo de sensibilização destes homens e mulheres para sua responsabilidade diária na promoção de uma melhor qualidade de vida para a população haitiana.

Mesmo com sérios problemas de sustentabilidade e infraestrutura, radialistas selecionados pela Saks, entidade ligada à Amarc, não mediram esforços para enfrentar as dificuldades encontradas para chegar ao local, para se comunicar, já que o idioma nacional é o creole, muito menos para se integrar e trabalhar em equipe, visto que cada um vinha de uma rádio comunitária diferente.

Ao fim, esses e essas profissionais de 20 rádios produziram *spots*, debates, enquetes e pequenas dramatizações radiofônicas a serem veiculados nas suas rádios. E ainda levaram para casa o compromisso de manter a saúde da população na pauta do dia.

e 1º a 14 de agosto, rádios comunitárias associadas à *Saks - Sosyete Animasyon Kominikasyon Sosyal -* estiveram reunidas em Hinche, no Haiti, para serem capacitadas para a promoção da saúde a partir do rádio.

O evento foi organizado pela TV Canal Saúde/ Fiocruz, em parceria com o Centro de Relações Internacionais (CRIS/Fiocruz) e do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz).

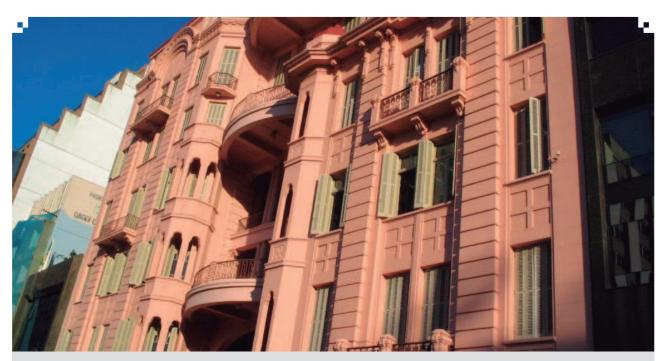
A TV Canal Saúde/Fiocruz faz parte da Cooperação Internacional Tripartite entre Brasil, Cuba e Haiti, que entende a comunicação como fundamental para enfrentar as chamadas doenças negligenciadas, agravadas após o terremoto de janeiro de 2012. Essas doenças são assim chamadas por sua incidência e forte impacto em países pobres ou em desenvolvimento, e, por isso mesmo, por não despertarem o interesse da indústria farmacêutica diante da remota possibilidade de lucro.

Assim, como prevenir é o melhor remédio, informar é o melhor tratamento. Vindos de todas as regiões do país, radialistas receberam conteúdo sobre cólera,

# O direito à vida independente

Se "Amar é mudar a alma de casa", a frase do gaúcho Mario Quintana ao inverso, mudar a alma de casa é amar, espelha a importância de morar sozinho, principalmente quando estiver valendo a nossa independência, mesmo com a vulnerabilidade que tende a nos ocorrer, se, por ventura, ou graça, tivermos longa vida.

Amar a si mesmo pode ser a principal vantagem na escolha de como queremos morar na velhice. Quando ela realmente acontece, tanto faz. Há pessoas de 90 anos mais viventes que uma de 50, ou vice-versa.



Casa de Cultura Mario Quintana, antigo Majestic, vizinha ao Banco Central, no centro de Porto Alegre, um dos hotéis em que o poeta viveu boa parte de seus quase 87 anos



# "Tem até cozinha"

Teria falado um encantado Quintana ao conhecer um *apart*-hotel para o qual se mudou aos 80 anos. Ele, que disse certa vez "eu moro em mim mesmo", acostumou-se ainda na infância, de menino frágil, à solidão. Talvez por isso lhe tenha brotado a criatividade e a impulsão de viver sempre, e no vocativo, "um pé após o outro".

Afinal, a experiência de uma situação leva ao desenvolvimento de outras, como a do casal Frederico e Enedina Kiefer, fundadores de uma casa de saúde em 1960, e posteriormente do Hospital Dr. Frederico Kifer, voltado ao atendimento geriátrico.

Entre os pacientes, viúvas de militares, em especial, ao receberem alta, manifestavam o desejo de se manterem por perto, "protegidas". Enedina passou, então, a oferecer-lhes hospedagem em residências destinadas a simples locações.

Após outras fases, como a de uma clínica para idosos e o Hospital Menino Deus, os Kiefer construíram dois prédios de apartamentos com infraestrutura de saúde, o Residencial Geriátrico Menino Deus. Em 1995, já acompanhando a longevidade da população, o local adotou um padrão superior com avançados modelos de atendimento.

Esmeralda Kiefer, filha do casal paranaense e diretora do aconchegante lugar, com ambientes individuais decorados com objetos e móveis dos próprios locadores, conhece profundamente os limites que o tempo traz a todos e cobra urgência na qualificação do país para adaptarse a esse contingente, cada vez maior, da população.

Prevalece o sentido de clínica, necessária quando as debilidades próprias de doenças exigem, ou asilo, palavra abominada em tempos do "politicamente correto". Entretanto, no dia a dia, milhares de pessoas, obrigadas ou não, seguem para esses locais.





Recepção e refeitório coletivo do residencial. A maioria dos apartamentos tem quarto, sala, cozinha e área de serviço

uando chega o momento em que a vulnerabilidade, a rabugice, as manias e outros fatores nos alcançam, quando a nossa liberdade ou do outro nos impede de estar bem, a família busca fugir da atitude de nos "lançar ao asilo".

Para fugir da realidade do "lugar para idosos", a mídia faz a apologia da velhice saudável, diz Esmeralda Kiefer, diretora do residencial. Muitas famílias, por amor, ou outras razões, preferem manter seus velhos em casa, aos seus cuidados.

Essa escolha, o "ambiente mais seguro", como o de viver em companhia de filhos ou de outros parentes, pode significar exatamente o oposto, transformando-nos num estorvo ou nos sentindo incomodados com a falta de espaço.

Morar completamente sozinho, mesmo acompanhado à distância pela família, também pode trazer riscos, como uma queda, crises de demência ou outros efeitos da idade avançada.

Sintomas que, por desconhecimento, são negados com as conhecidas expressões "papai (ou mamãe) está fazendo bobagem, está esquecido (a)". Vulnerabilidade que, somada à falta de independência, produz o indesejável desconforto a todos, e muito mais, é claro, àquele que vive, naquele momento, as consequências do tempo.





Com 65 apartamentos individuais, o condomínio deixa ao morador a escolha da decoração de seu ambiente "com o que couber": móveis, quadros, bibelôs, tapetes, cortinas, etc. Um dos locatários está há 20 anos no Residencial. Em um dos apartamentos, com dois quartos, vive um casal, que utiliza um deles como escritório

# Convivência e cuidados

Nesta vida há tanta coisa... Tanta coisa... e um só olhar! Toda a tristeza dos rios É não poderem parar...

(Da Brevidade da Vida, Mario Quintana)

Mas paramos, ou estacionamos, quase diariamente, por horas a fio em frente à televisão ou ao computador. Esse "isolamento", principalmente no período noturno, amplia as possibilidades de depressão. Estudo recente mostra que a exposição à luz dos equipamentos à noite provoca alterações cerebrais semelhantes às desencadeadas pelo transtorno.

A pesquisa é do Centro Médico da Universidade de Ohio, nos Estados Unidos, publicada em agosto pelo *Molecular Psychiatry*, da *Nature*. Nos últimos 50 anos, o crescimento das taxas de depressão é coincidente ao aumento do tempo em que as pessoas ficam em frente às telas. Nas mulheres, o índice é dobrado.

Mudar esses hábitos pode fazer a diferença. A convivência social, ouvir e contar histórias, ler bons livros, comentá-los, visitar uma exposição, caminhar são ações fundamentais para a manutenção da qualidade de vida.

A proposta do Menino Deus é promover essa sociabilidade com atendimento dirigido às necessidades individuais dos hóspedes - ou inquilinos -, que mantêm seus próprios acompanhamentos médicos, particulares ou de planos de saúde. O condomínio oferece "moradia protegida", com acompanhamento da enfermagem, cardápios individuais, serviços de hotelaria, atividades sociais e segurança, com respeito às individualidades e à vida particular dos moradores.

# População de São Paulo tem 8% de idosos

A Folha de S.Paulo publicou em setembro uma série de reportagens sobre dificuldades, como a mobilidade, e serviços oferecidos à população mais velha da capital paulista, que alcança 8%, segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quase o dobro do índice de 1991.

Atualmente, São Paulo dispõe de vários locais de moradia e cursos para atendimento aos mais velhos. Em 2020, o percentual de pessoas com mais de 65 anos chegará a 11,48% da população. Segundo o censo, em 2010 havia 11.253.503 moradores na cidade, a sexta mais populosa do mundo.

#### Cursos de atendimento à terceira idade

A exemplo da Universidade Aberta da Terceira Idade da Uerj (Universidade Estadual



do Rio de Janeiro), São Paulo tem vários cursos para capacitação de atendimento a idosos, como os do Hospital do Servidor e o OLHE.

No Ceará, a Universidade de Fortaleza (Unifor) realizará de outubro deste ano a junho de 2014 o curso de Especialização em Gerontologia, contemplando reflexão, crítica e ética no desempenho de uma práxis voltada à qualidade de vida.

# Os "nem-nem"

Instituto de Estudos Sociais e Políticos (lesp) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) apresentou dados alarmantes sobre a situação da nossa juventude: um quinto dos brasileiros de 18 a 25 anos nem estuda nem trabalha e não procura emprego.

São 5,3 milhões de pessoas – 1,8 milhão de rapazes e 3,5 de moças - que nada produzem. A pesquisa, coordenada pelo professor Adalberto Cardoso, mostra que a "escola não consegue atrair o jovem, provocando elevada evasão escolar. Em consequência, ingressar no mercado de trabalho vai ficando mais e mais difícil", alerta.

Ao incluir jovens que procuram trabalho em vão, o quadro fica ainda mais preocupante, chegando a 7,2 milhões: uma a cada quatro pessoas nessa faixa etária está parada. Além disso, o professor Fernando de Holanda Filho, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) lembra o gargalo na taxa de matrícula do ensino médio: 50% dos jovens que trabalham não têm esse nível escolar.

A terminologia "nem-nem", diz editorial de O Globo de 18 de setembro, repercutindo a reportagem publicada no domingo, 16, é inspirada no "ni-ni" utilizado na Espanha para designar a juventude colocada à margem, em meio à crise econômica europeia.

tram que os jovens brasileiros estão fora do mercado por conta da qualidade da instrução, já que nos últimos dois anos, período apurado no levantamento, a economia nacional cresceu 7,5%, e essa parcela jovem da população não foi absorvida. Prova disso seria a distribuição dessa população inativo pelas regiões do país:

Norte	25,2%	
Nordeste	25,1%	
Sudeste	16,8%	
Centro-Oeste	16,7%	
Sul	13,1%	
Unidades da Federação		

29,2%	
28%	
26,3%	
19,6% (média nacional)	
14,5%	
13,8%	
13,3%	
10,7%	



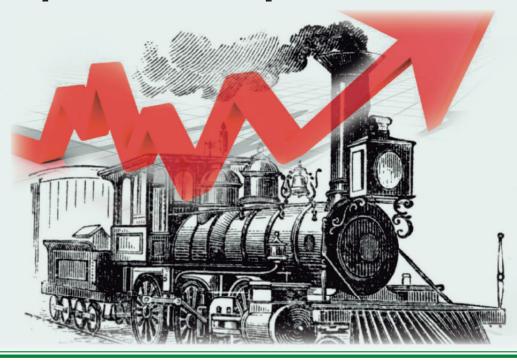


Estatais gastam apenas 46% do previsto

para o ano

Com orçamento de R\$ 107 bilhões para 2012, as empresas controladas pela União executaram apenas R\$ 49,3 bilhões, segundo levantamento do portal IG no Siga Brasil, mecanismo de consulta de contas públicas do Senado.

Os dados contradizem a promessa do governo de que as estatais seriam as "locomotivas" para puxar o crescimento econômico.



## Ritmo lento também afeta a área da saúde

Além de atingir áreas como as de energia e transportes, a da saúde mostra uma contradição gritante e perigosa. Dos 263,8 milhões em caixa, a Empresa Brasileira de Hemoderivados e Biotecnologia (Hemobras) utilizou somente R\$ 32,4 milhões, sendo R\$ 32,17 milhões direcionados para a construção de uma fábrica em Pernambuco, com orçamento de R\$ 98,6 milhões até o final de 2012.

Todo o empreendimento, estimado para ser concluído em 2014, está orçado em R\$ 540 milhões, incluindo construção e equipamentos. Para erguer todos os prédios, serão gerados aproximadamente 1 mil postos de trabalho. Quando estiver operando, a fábrica comportará 360 empregados, atuando da produção ao serviço administrativo.

Atualmente, o país importa R\$ 800 milhões em hemoderivados, medicamentos geralmente dirigidos a pessoas com hemofilia, imunodeficiência genética ou adquirida, cirrose, câncer, Aids e queimados, em tratamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS). O Brasil manda para a França, anualmente, 150 mil litros de plasma, que retornam ao país como medicamentos. A unidade da Hemobrás em Goiana será a maior da América Latina no setor.





# Mui amigo

#### O Brasil deixou de vender US\$ 3 bilhões em mercadorias para a Argentina em 2012

Em relação aos primeiros oito meses do ano passado, a redução é de R\$ 18,4%, segundo informações do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MIDC), que atribui a queda ao protecionismo adotado pelo governo de Cristina Kirchner contra produtos brasileiros.

Para o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, o saldo da balança comercial do país poderá cair para R\$ 12 bilhões. Em 2011, o saldo foi de R\$ 29 bilhões.

"O Brasil está numa camisa de força. Além do problema da crise, nós não temos acordo com países fora do Mercosul, o que torna nossos produtos caros e nada competitivos no mercado externo.

Estamos em desvantagem", afirmou ao Brasil Econômico, lembrando que los hermanos, que buscam maior proximidade com a China para venda de commodities, são o nosso terceiro maior parceiro comercial.



ELEIÇÕES 2012

# Cidade gaúcha escolhe prefeito por consenso

Desde sua primeira eleição após sua emancipação, ocorrida há 16 anos, o município de Mato Queimado, no noroeste gaúcho, indica seu candidato à prefeitura por consenso de quatro partidos que, coligados, também elegem vereadores. Os não eleitos têm a consolação ao assumir uma vez por ano as cadeiras

> Em 2008, Mato Queimado ganhou um prêmio estadual

tão na área da saúde. Com os R\$ 160 mil recebidos, construiu um posto de atendimento. Como a cidade já possuía um, teve quem defendesse a devolução do valor. Na nova unidade, as consultas são com hora marcada.

Como é difícil agradar a todos, pesquisa com os pacientes registrou a sugestão para melhorar o serviço: fornecimento de pastel, nega maluca e Internet. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 2,2% dos 5.566 municípios do país terão apenas um candidato. Na eleição anterior, 180 escolheram prefeitos sem disputa.





# A luta pela PEC 555/2006 continua

São muitas as demandas em que o Sinal está envolvido na defesa de seus filiados, mas uma, especificamente, interessa de forma direta aos atuais aposentados e pensionistas, que é a luta para que a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 555/2006 seja votada no plenário da Câmara Federal.

A PEC visa extinguir, gradativamente, a cobrança da contribuição previdenciária dos servidores públicos, uma verdadeira violação de um direito do trabalhador, que já contribuiu para o sistema previdenciário durante toda a sua vida laboral para receber sua aposentadoria e segue sendo taxado, depois de aposentado, de forma injusta já que nenhum outro benefício lhe será concedido.

Em maio deste ano, o Sinal, representado pelo diretor regional de São Paulo, Paulo Lino, um dos coordenadores da Frente São Paulo pela PEC-555, que congrega mais de uma centena de entidades sindicais, participou de audiência pública na Comissão de Seguridade Social e Família, convocada pelo Deputado Federal Amauri Teixeira (PT-BA), quando até mesmo o representante do Ministério da Previdência reconheceu a justeza de nossos pleitos.

Em agosto, o Movimento dos Servidores Públicos Aposentados e Pensionistas (Mosap), com o apoio da Frente São Paulo, reuniu centenas de servidores no auditório Nereu Ramos, na Câmara Federal, para insistir junto aos parlamentares a necessidade da votação da PEC-555 ainda nessa legislatura.

Diante do apoio explícito de diversos parlamentares, podemos acreditar que estamos cada vez mais perto de conseguir a tão sonhada votação, que desde o já longínquo ano de 2006 vem sendo tentada.

O Sinal continua atuante e acompanhando de perto toda essa luta, e espera por mais um sucesso como foi a da votação da PEC-270/08, que reestabeleceu a integralidade e a paridade das aposentadorias e pensões dos servidores públicos aposentados por invalidez.



Aposentados cantam o Hino Nacional na abertura de evento no Auditório Nereu Ramos da Câmara. O autor da PEC, ex-deputado Carlos Mota (PSB-MG), foi um dos convidados especiais



Por Larissa Alberti

O mundo está em constante evolução para acompanhar е mudanças tecnologias novas fundamental profissional que o mantenha-se atualizado na sua área de atuação. Porém, cada vez mais exigido no mercado, o profissional, muitas vezes, não encontra tempo para conciliar estudos à rotina atarefada do dia a dia. Por isso, a educação a distância é a solução ideal para que profissionais invistam carreira na consequencia, ofereçam como melhores resultados trabalhos nos desempenhados.

A educação a distância - EAD permite aos profissionais gerenciar

tempo e local de realização atividades de acordo com preferências características individuais e aprendizado, aumentando a retenção dos conteúdos. Na EAD, o aluno é quem decide quando, onde e como estudar, desenvolvendo a disciplina ideal para o aprendizado. Apesar da relação entre estudante e professor não ser física, o envolvimento do aluno com os estudos é ainda maior na educação a distância, haja vista que a participação de cada um torna-se fundamental para a integração da turma. O aluno é estimulado para se dedicar ao estudo por completo, com a flexibilidade necessária que permite ritmos de estudos diferenciados e adequados a rotina.

Com o objetivo de ampliar o acesso à educação de qualidade e investir na capacitação profissional dos trabalhadores, o Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (SINAL) firmou convênio com o wPós para a oferta de cursos

de Pós-Graduação a Distância. O profissional capacitado pode obter benefícios na carreira, como aumento na remuneração, por exemplo. Além disso, adquirir e renovar o conhecimento é indispensável para o desenvolvimento intelectual.

# Conheça algumas vantagens da EAD:

- Superação de barreiras geográficas e redução de custos com transportes
- Flexibilidade de tempo, respeitando o ritmo do aluno
- Aluno como o centro do processo de aprendizagem
- Atualização constante de conteúdos

- Suporte eletrônico e pedagógico com profissionais qualificados
- Professores e tutores que auxiliam nas atividades e estudos online
- Turmas que se iniciam todos os meses
- Grande oferta de cursos



funcionalismo?

# CAMPANHA SALARIAL Governo Dilma é contra o



pós seis meses de uma combativa campanha salarial, os servidores federais das carreiras típicas de Estado colheram seu principal resultado, a unidade. Formou-se a União das Carreiras de Estado, congregando 22 categorias, entre elas, as do Banco Central, Receita e Polícia federais e Advocacia Geral da União.

Embora as negociações deste ano tenham iniciado em fevereiro, somente nas duas últimas semanas de agosto, às vésperas do fechamento da folha orçamentária, o governo Dilma Rousseff apresentou a proposta de 15%, divididos em três parcelas anuais de 5%. Em Assembleia Geral Nacional, os servidores do BC, Susep, CVM, Receita Federal e algumas outras carreiras recusaram a oferta por considerá- la insuficiente e, acima de tudo, pela forma desrespeitosa e até injuriosa com que a Presidente da República tratou essa negociação, tendo, inclusive, se referido a nós como os de "sangue azul".

As perdas salariais dos servidores do BC estão acumuladas em 23,85% desde o último reajuste, em 2008. Além da luta pela retromada das negociações, outras pendências ainda têm de ser discutidas com o governo, por meio da Secretaria de Relações do Trabalho do Ministério do Planejamento. Para isso, o Sinal cobra a interlocução da diretoria do BC e, em especial, do presidente, ministro Alexandre Tombini, servidor de carreira do banco, junto ao Planalto.

O resultado negativo foi o choque de conhecermos a verdadeira face do governo

Dilma: intransigente e autoritária. Quem acompanhou os momentos mais duros da campanha sabe que vários recursos foram utilizados pelo Executivo para tentar desmoralizar e desunir o funcionalismo federal que apenas defende seu direito constitucional à revisão salarial. Entre várias atitudes para provocar cizânia entre os servidores e a sociedade, o governo, utilizando-se da lei da transparência, instigou setores da imprensa a expor salários, sem critérios de divulgação, colocando em risco a segurança de colegas e suas famílias.

Até salários, residências e contas de presidentes de entidades sindicais foram divulgados. Em meio à campanha e desnorteado pelas greves de algumas categorias, como a de servidores de universidades federais, que chegaram a mais de três meses de paralisação, o governo publicou em julho o decreto 7.777, chamado "fura-greve". Com o objetivo de substituir grevistas federais por colegas dos estados e municípios, a ideia foi amplamente rechaçada.



# Governo vai estudar "lei de greve"

Quase no final da campanha salarial, surpreso com a unidade inédita do funcionalismo federal, o governo que não regulamenta a convenção do artigo 151 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), há dois anos parada no Palácio do Planalto, anunciou que pretende discutir uma lei de greve, junto ao Congresso. Outro argumento contraditório foi afirmar durante meses que o reajuste do funcionalismo para a folha 2013 seria zero. A prioridade do governo, anunciava a presidente Dilma Rousseff, era garantir empregos na iniciativa privada, porque "os servidores públicos já contam com a estabilidade". Uma insensatez desferida num dos momento mais graves da crise econômica europeia.

# Sinal quer reabertura das negociações

O Sinal está trabalhando em três frentes: junto à direção do Banco Central, ao Congresso Nacional e ao Executivo, por meio do Ministério do Planejamento e Gestão (MPOG). Ao contrário do que afirmou, em entrevista, a ministra do Planejamento, Miriam Belchior, não se trata de "arrependimento" e sim a reafirmação da nossa luta pelo direito constitucional à manutenção do valor real dos nossos salários. A vitória será alcançada com nossa unidade de ação, canalizando as energias em prol de um sentido comum: mostrar a importância dos servidores que fazem o BC ser valorizado mundialmente. Exigimos esse reconhecimento, por parte do governo, com a reabertura imediata das negociações.

# Fonacate faz moção de apoio à União das Carreiras de Estado

O Fórum Permanente de Carreiras Típicas de Estado (Fonacate), representante de mais de 180 mil servidores de carreiras federais, apresentou em 17 de setembro, moção de apoio ao movimento formado pelas carreiras estratégicas de Estado para se opor à intransigência do governo nas negociações da campanha salarial. A íntegra do documento está disponível no portal do Sinal.



# O papel do Congresso Nacional na mediação de negociações do governo com os servidores

ANTÔNIO AUGUSTO DE QUEIROZ\*

s parlamentares, em geral, e os da bancada do PT, em particular, precisam mediar o conflito entre os servidores das carreiras de Estado e o governo federal, notadamente das que não firmaram acordo para 2013, propondo a imediata reabertura das negociações.

Entre outras, estão nessa condição três carreiras que são fundamentais para o funcionamento do Estado e também para os projetos estratégicos do governo da presidente Dilma Rousseff: da arrecadação, representada por auditores e analistas da Receita Federal; do ciclo financeiro, representada pelos funcionários do Banco Central, CVM e Susep; e da regulação e fiscalização, representada pelos servidores das agências reguladoras.

A organização sindical, seja no setor privado, seja no serviço público, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), pressupõe três condições: o direito de sindicalização, o direito de negociação e o direito de greve. No caso dos servidores públicos brasileiros, apenas o primeiro está assegurado legalmente. O processo de negociação no serviço público foi recheado de falhas e conduzido

sem as regras nem os cuidados que temas dessa importância e complexidade requerem, conforme recomenda a Convenção 151 da OIT, recentemente ratificada pelo Brasil.

Houve falhas estruturais – como a ausência de regulamentação da própria Convenção 151 da OIT, a falta de uma política salarial, o descumprimento do preceito constitucional que obriga a revisão geral anual e a lacuna no direito de greve – e falhas conjunturais e de condução do processo.

O Congresso Nacional pode e deve ajudar na superação dessas falhas, seja estruturalmente, atuando para criar as condições para o pleno exercício da atividade sindical no serviço público, seja pontualmente mediando o atual conflito.

No primeiro caso, os parlamentares podem tomar as providências para assegurar a revisão geral e propor a regulamentação do direito de negociação e o direito de greve, para evitar que problemas como os ocorridos este ano se repitam.

No segundo, os parlamentares, em especial os do PT, devem se mobilizar para restabelecer o diálogo

#### **ARTIGO**

com as carreiras que não fecharam acordo. A superação do impasse é boa para o Estado, governo e servidores.

Os servidores das carreiras que rejeitaram em assembléias a proposta de 15,8% em três parcelas, nos anos de 2013 a 2015, o fizeram menos pela questão financeira e mais pela forma como o governo conduziu a negociação.

Entre os motivos que forçaram um clima recíproco de hostilidades, destacam-se três.

O primeiro, o atraso na definição de uma proposta financeira para as carreiras de Estado. O governo demorou a definir um percentual e, enquanto não dispunha do Orçamento, deixava vazar na imprensa comentários agressivos às carreiras de Estado, chamando esses servidores de "sangue azul", termo tão pejorativo quanto o "marajá" da era Collor.

O segundo, a edição de um decreto, que não chegou a ser colocado em prática, com a transferência de atribuições de servidores em greve para integrantes de carreiras assemelhadas de estados e municípios, numa atitude de enfretamento que seria facilmente evitada com diálogo ou lançando mão de decisão judicial, que nunca deixou de assegurar o funcionamento dos serviços essenciais.

O terceiro, a forma de escolha das entidades com direito a negociação. No serviço público existe pluralidade sindical, ou seja, mais de uma entidade pode representar os servidores de determinada categoria ou órgão, e o governo é quem escolhe com quem negocia. Enquanto isso não for disciplinado, provocará conflitos de representação.

É óbvio que o governo e a população não podem nem devem ficar reféns de servidores em greve, mas os servidores também não podem ser desrespeitados em sua dignidade pelos governantes. É preciso ter equilíbrio, e para isto são necessários processos e regras capazes de promover um diálogo civilizado.

O Congresso, portanto, tem um papel fundamental a cumprir. Sem reabertura das negociações, o conflito persistirá até o próximo ano, com desgastes, insatisfações, greves e até atraso em projetos estratégicos do governo, considerando a importância das carreiras excluídas do reajustes salarial. Que prevaleça o bom senso.

\*Antônio Augusto de Queiroz é jornalista, analista político e diretor de Documentação do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). Texto publicado originalmente na Revista eletrônica "Teoria e Debate", edição 104, de setembro de 2012, na coluna "Café no Congresso".



# A familia, da sua familia!



## Sinta-se em casa com a FAMÍLIA FENASBAC.

Não tem nada que nos deixe mais a vontade e tranquilo do que estar em casa. É nesse diferencial que nós, FAMÍLIA FENASBAC, sempre apostamos ao oferecer nossos clubes e serviços exclusivos.

São mais de dez filiadas espalhadas pelo Brasil, oferecendo variadas opções de lazer, atividades esportivas, eventos culturais e integração social em geral. Além de tudo, você conta com uma ampla gama de serviços que atendem suas necessidades pontualmente, com rapidez, praticidade e atendimento personalizado. Tudo isso com a marca de quem tem soluções descomplicadas.

Faz toda a diferença fazer parte dessa família. Venha conferir!













0800-646-1055 w w w . f e n a s b a c . c o m . b r



# Prédio do Banco Central na Gamboa, área portuária do Rio, fere isonomia legislativa

Matheus Zanon | JORNALISTA



rado para atender ao público; e explicitando que a mudança de planos acarretaria despesa adicional de 40 milhões ao Bacen – o suficiente para construir 600 novas habitações de interesse social na Zona Portuária. E com o adicional de incentivar o transporte individual, com a previsão de 600 vagas para carros.

instalação da nova sede do Banco Central na área portuária vem gerando polêmica. Não é para menos: há pelo menos três argumentos fortíssimos para contestá-la. O primeiro, extransferência dos funcionários da sodo do Banco

a transferência dos funcionários da sede do Banco Central, cujo edifício na Av. Presidente Vargas está em área de fácil acesso e acabou de ser reformado. O segundo, a criação de lei específica para aumento de gabarito no terreno do Bacen, que contraria o princípio da isonomia legislativa e cria uma exceção legal em área preservada na APAC Sagas. O terceiro, a identificação de um sítio arqueológico no terreno, que teria sido, em outros tempos, local de conserto de vapores, descoberta cercada de mistério e confidencialidade.

Representantes dos servidores públicos do Banco Central são contrários à sua transferência da Av. Presidente Vargas para a Zona Portuária. Preferem permanecer no Centro do Rio. Nesse sentido, a vereadora Sonia Rabello (PV) enviou ofícios presidente da República, Dilma Rousseff, a ao ministro da Fazenda, Guido Mantega, assinalando, entre outros, o entendimento dos servidores públicos do Bacen que o prédio da Av. Presidente Vargas está mais prepa-

Quanto à lei de exceção, a parlamentar é clara: não pode. "Se foi feito um plano para toda a área, contemplado na Lei 101/2009 – já bastante recente, por que razão alterá-lo com a Lei complementar 123/2012 para beneficiar um único proprietário? Então se outros proprietários quiserem, também, alterações nos parâmetros urbanísticos, terão a mesma chance?", argumenta Sonia Rabello.

A Área de Proteção do Ambiente Cultural dos bairros da Saúde. Gamboa e Santo Cristo foi criada em 1987 para garantir a preservação da ambiência histórica - incluídos aí tanto os marcos arquitetônicos quanto as visadas dos conjuntos históricos - dos bairros da zona portuária. No âmbito da preservação da história do Rio, seria no mínimo coerente não apenas respeitar esse ambiente, como também tratar todo e qualquer vestígio arqueológico com o respeito que merece. Afinal, essa área foi pioneira na ocupação do Rio de Janeiro e a história das pessoas que por ali passaram constitui a fundação da cidade que temos hoje. Não podemos esquecer, muito menos agora que a "paisagem cultural" do Rio tornou-se Patrimônio da Humanidade.



# Mensagem pessoal: uma crença!



hama a atenção as pessoas buscarem participar de grupos de interesse comum e manter um convívio mais intenso apenas quando têm mais idade, desenvolvendo relações mais concretas e permanentes, muitas até de ajuda ao próximo.

Embora o homem seja um ser social por excelência, os jovens parecem encontrar nas relações vir-

tuais os contatos necessários e suficientes a seu crescimento. São redes sociais, network, sites, clicks e mais clicks. O ritmo é frenético e as relações cada vez mais superficiais e sem compromisso. O "eu" domina absoluto.

Nossos filhos têm tv e computador em seu quarto, por vezes mais de uma linha celular e acreditam que dá para mudar o mundo e fazer uma revolução, seja ela qual for, apertando algumas teclas. Parece que estas relações virtuais são e serão eficientes para um futuro bem vivido, mas é um ledo engano. Futuramente verão que as verdadeiras amizades são forjadas ao longo de uma caminhada, que se constroem aos poucos, precisando entender o verdadeiro significado de compartilhar e curtir, banalizados na net.

Estar exposto não representa ter visibilidade social ou importância na comunidade e trabalhar em equipe não é necessariamente cada um fazer uma parte. Quase nunca na vida real a soma das partes é igual ao todo. Isto se aplica a nossas relações pessoais e profissionais.

Ao contrario do que parece a força ainda esta no grupo e não no individuo, importante que cada um busque sua identidade, mas que não descuide do todo, das associações, do esforço comum em prol da coletividade de construir em conjunto, da responsabilidade por alicerçar relações de responsabilidade e solidariedade humana.

Entidades como as nossas estão ai lutando, parceiras em diversas frentes, acreditando que a filosofia do associativismo faz parte da humanidade e que juntos tudo podemos. Não deixe que a tecnologia e os modismos roubem de você o sentimento da fraternidade, da união de esforços e do respeito às diferenças, o que podemos chamar de "pertencimento".

Não espere até seus 50 ou 60 anos para começar a entender que temos que pertencer por completo, de carne e osso, atuando e não apenas "tuitando" ou mandando mensagens da sala para o quarto ou para seu "mail list" de supostos amigos virtuais.

Com sua participação, vamos construir um sindicato melhor, Asbacs mais atuantes, uma Fenasbac mais sólida e completa e, assim, o Banco Central do Brasil ainda melhor.

\*Presidente da Diretoria Executiva da Federação Nacional de Associações dos Servidores do Banco Central (Fenasbac)

# No Sul, a Revolução Farroupilha

Ou Guerra dos Farrapos, foi um conflito regional de caráter republicano contra o governo imperial. Ocorreu na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, entre 20 de setembro de 1835 a 1º de março de 1845. Estima-se que 3.400 homens foram



### No Norte, a Cabanagem

Período marcado por guerras e revoltas em várias regiões do Brasil, a Cabanagem, ocorrida na então província do Grão-Pará, entre 1835 e 1840, é uma das páginas mais cruéis de nossa história. Cerca de 30 a 40% da população de 100 mil habitantes pereceram no conflito.



# Do Sul ao Norte, uma vida

"Nem todos os anos que passam se vivem: uma coisa é contar os anos, outra é vivê-los."

(Padre Antônio Vieira)



No dia em que completava 27 anos, João Carlos recebe a visita de uma paciente, em Porto Franco (MA)

"Eles têm um santo aqui", alertou o então major Taumathurgo Vaz aos militares que instalavam a primeira base militar criada para combater a Guerrilha do Araguaia (1972-1975), na pequena cidade de Xambioá (TO). Os combates se dariam no outro lado do Rio Araguaia, no sudeste do Pará.

O conflito, que resultou na morte de 59 guerrilheiros (apenas dois estão identificados) e 16 militares, além da prisão e morte de moradores, ainda povoa a me-

mória de grande parte da região conhecida como Bico do Papagaio, na divisa dos estados do Maranhão, Pará e o então norte de Goiás, hoje Tocantins.

O "santo" era o médico-cirurgião João Carlos Haas Sobrinho, o Juca, ou dr. Juca, como estão registrados o nome e o codinome do gaúcho de São Leopoldo nos relatórios militares. Médico cirurgião, formou-se na Universidade Federal do Rio Grande no mesmo ano em que presidiu a União dos Es-

tudantes Gaúchos, em 1964.

Três anos depois, João Carlos fundava o primeiro hospital de Porto Franco, no sul maranhense, atendendo uma região isenta da estrutura de Estado.

Ao deixar a cidade, um ano e meio depois, 3 mil pessoas, tendo à frente o bispo de Tocantinopolis (TO), cidade frontal a Porto Franco, foi chamado por um poeta do sertão de "super homem", devido ao cuidado com que tratava as pessoas, em especial os mais humildes.

Já com o apelido Juca, assumiu em 1969 o comando médico militar das futuras Forças Guerrilheiras do Araguaia (Foguerra). Tombou aos 31 anos em 30 de setembro de 1972, durante um ataque de fuzileiros navais, junto aos seus companheiros, o mineiro Ciro Flávio Salazar e Oliveira, estudante do quarto ano de arquitetura no Rio de Janeiro e o paulistano Manuel José Nurchis. Seu corpo, e, ao que tudo indica, os de seus amigos, foram sepultados no Cemitério de Xambioá.

Hoje, seu nome é homenageado na sala cirúrgica do Hospital Municipal, no Centro Desportivo e no Ponto de Cultura de Porto Franco, além de intitular o hospital de São João do Paraíso, no sul do Maranhão.

# Pará mantém maior contingente militar da América Latina

A 24ª Brigada, sediada em Marabá (PA), foi implantada por conta da guerrilha. Atualmente considerada área de "fronteira econômica", a jurisdição compreende o território entre Imperatriz (MA) e Altamira (PA), o segundo maior território municipal do mundo.

#### Médicos nas barricadas

Moacyr Scliar\*

A recente greve dos médicos no Nordeste provocou muita controvérsia, sobretudo porque se choca contra a tradicional concepção da medicina como sacerdócio: o doutor seria uma pessoa que se dedica exclusivamente aos outros, esquecendo de si próprio, inclusive no que se refere ao salário. Quando os médicos reivindicam da mesma forma como o fazem outras profissões, o espanto é geral.

Mas deve-se dizer que médicos não raro participam, sim, em movimentos sociais, inclusive em movimentos de caráter francamente revolucionário. Jean Paul Marat, um dos líderes da Revolução Francesa, era médico, um dos pioneiros no uso da eletricidade em medicina. Abandonou suas pesquisas para dedicar-se à política, o que, aliás, lhe custou a vida: foi assassinado pela filha de um adversário que mandara à guilhotina (inventada por um médico, o dr. Guillotin). (...)

Aqui em Porto Alegre tivemos um exemplo de médico revolucionário: João Carlos Haas Sobrinho. Nascido (1941) em São Leopoldo, João Carlos foi um aluno brilhante dos colégios São Luiz, de São Leopoldo, São Jacó, de Novo Hamburgo, Anchieta, de Porto Alegre. Em 1959 ingressou na Faculdade de Medicina da UFRGS. Lembro dele como um colega sério, digno e muito atuante.(...)

Pergunta: o que leva médicos a deixar consultórios, postos de saúde, hospitais para participar numa luta mais ampla? Os motivos são vários e complexos, mas podem estar em parte ligados à própria opção profissional. O médico é alguém que trata do corpo do paciente. O político e o revolucionário querem curar o corpo social.



Manobras militares da Operação Papagaio (setembro-outubro de 1972) em Caiano, hoje pertecente ao município de São Geraldo (PA). A área era propriedade do economista gaúcho Paulo Mendes Rodrigues, também guerrilheiro. Juca manteve uma farmacinha no local

Em carta à população, João Carlos cobrava a ausência do Estado na região. Quarenta e dois anos depois, pouca coisa mudou.

(...) O grosso dos impostos recolhidos nos municípios fica retido pela administração federal e estadual, o que limita as verbas disponíveis para a realização das benfeitorias necessárias. Há grande falta de empregos, sendo em geral os salários muito baixos. Isso leva muitos jovens a deixarem suas famílias para virem ganhar a vida nas cidades maiores e numerosas moças pobres caírem na prostituição. Mesmo os poucos que conseguem concluir os cursos ginasial e colegial, se quiserem prosseguir seus estudos, precisam abandonar a região porque lá não existem faculdades.

Assim, a juventude local não tem condições para desenvolver sua capacidade de trabalho e não pode colaborar para o progresso de sua terra. Vê-se limitada a uma vida sem futuro e sem qualquer perspectiva.

Em algum lugar das matas do Araguaia, 12 de setembro de 1972. João Carlos Haas Sobrinho

<sup>\*</sup>Moacyr Scliar, escritor, professor e médico especialista em saúde pública, falecido em 2011, nasceu em Porto Alegre em 1937. O artigo acima foi publicado no jornal Zero Hora, em 2007.



ção de tudo e nada da qual se deve esperar que saia algo". Na nova obra destacam-se: "Duquesne Whistle", cujo clipe circula na internet e é inspirado no universo do cineasta pop Quentin Tarantino, a canção título "Tempest" que narra durante 14 minutos os últimos momentos do naufrágio do Titanic e "Roll on John", na qual Dylan lamenta o assassinato do amigo John Lennon (a quem apresentou maconha segundo as Beatles-Dylan-lendas). Críticos musicais norte-americanos e ingleses elogiaram de maneira unânime o disco.

Dylan nasceu e morreu diversas vezes nestes 50 anos. Nasceu lendo "On the Road" de Jack Kerouac e toda a literatura do movimento beatnik, ouvindo o cantor folk e comunista Woody Guthrie, em cujo violão lia-se "Esta máquina mata fascistas", foi sucesso nos shows-comícios com Joan Baez e Odetta, e para os críticos morreu quando não foi tocar em Woodstock mesmo estando do lado da cidade e trocou o gênero de protesto pelo rock. Mas aí o rock nasceu com a sua "Like a Rolling Stone", segundo outros. Com ele nasceu também o videoclipe, quando lançou "Subterranean Homesick Blues", de 1965,

em que ele fica parado em frente à câmera segurando pôsteres com trechos da letra da música. Morreu outras vezes, mas sempre influenciando vivos e mortos. E sempre "se lixando" para as convenções, que o diga Barack Obama solenemente ignorado por ele quando da entrega de um prêmio nacional este ano.

Ele veio ao nosso país algumas vezes, a mais recente neste ano de 2012, mas da sua passagem anterior, em 2008, teve inspiração para pintar uma série de quadros sobre o Brasil. As obras foram expostas num museu em Copenhague, na Dinamarca, em 2010, e chamaram a atenção por tratarem de temas como pobreza e violência - uma das pinturas inclusive mostra um corpo no chão, em meio a uma poça de sangue. Mesmo assim, na época o cantor divulgou um comunicado dizendo que escolheu o Brasil como tema porque gostava muito de seu... ambiente. Dylan pinta desde os anos 1960.

E Zimmerman, setentão, segue por aí, "como uma pedra a rolar", "perguntando ao vento", pois este sempre responde em canções de protesto, folk, rock, baladas, enfim, Dylan é um gênero.



# O Brasil tem Mário Quintana, Porto Alegre tem a casa do poeta

Flavio Aniceto | PRODUTOR CULTURAL

Bem pertinho do prédio do Banco Central do Brasil, na Rua Sete de Setembro 586, em Porto Alegre, encontra-se um dos endereços mais importantes da cultura brasileira: o antigo Hotel Majestic, onde o poeta, jornalista e tradutor Mário Quintana morou entre 1968 e 1980. É possível que muitos dos seus 20 livros tenham sido escritos em hotéis, pois solteiro e sem filhos, Quintana sempre morou em sua vida adulta nestes estabelecimentos.

No mesmo ano em que ele deixou o hotel um banco comprou o imóvel, que passou, em 1982, para o governo do estado do Rio Grande do Sul, tornando-se patrimônio histórico. Em julho do mesmo ano, o edifício recebeu a denominação de Casa de Cultura Mario Quintana.

"Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora A presença distante das estrelas!"

(Mario Quintana)

"A poesia não se entrega a quem a define", dizia o poeta. É preciso experimentar a literatura e todas as artes, vivê-las, dialogar com estas e a partir daí criar outros signos e significantes. A Casa não se destina somente à literatura, abriga outras artes, como o cinema, a música, as artes visuais, a dança, o teatro, e a realização de oficinas.

# Em Belém, cinema mais antigo do país resiste à modernidade



Fundado em 24 de abril de 1912, desde 2006 o Cine Olympia é um espaço cultural administrado pela prefeitura. Com entrada gratuita, exibe filmes do chamado circuito alternativo, como produções paraenses, brasileiras e das mais diferentes nacionalidades, "que dificilmente iam ser exibidas em salas de cinema comerciais", diz o crítico de cinema e programador do Olympia, Marco Antônio Moreira.

Após inúmeras reformas, o edifício ainda mantém alguns detalhes arquitetônicos da sua estrutura original, como os traços de art déco nas paredes internas e o acesso à sala de exibição, feito por

entradas abaixo da tela. A parte externa do cinema, no entanto, foi toda modificada, especialmente a fachada. "Escuto muita gente dizer que o cinema não parece ser do início do século 20, que já foi todo modificado. Eu acho que isso pouco afeta o significado dele. A arquitetura se foi, mas a importância dele não é arquitetônica, é cultural", destacou a cineasta Priscilla Brasil, em alusão ao centenário do Olympia.

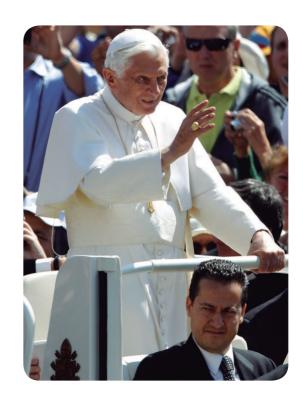


# E a culpa era do mordomo

Informações publicadas no livro Vaticano S/A, do jornalista Gianluigi Nuzzi, sobre suposta lavagem de dinheiro do banco do pequeno estado incrustado na Itália, levaram à prisão por dois meses na Gendarmeria do estado do Vaticano o mordomo papal Paolo Gabriele.

Como documentos foram furtados do quarto furtados do quarto do papa Bento XVI, local a que poucos têm acesso, os investigadores relacionaram uma informação a outra e chegaram facilmente a Paoletto, agora chamado "corvo" (traidor) ou "pentito" (arrependido).

Apesar de admitir o roubo, e pedir perdão, o mordomo, fervoroso católico que já trabalhava para o papa João Paulo II, terá de provar que não participa de grupos conspiratórios contra o pontificado.





A Marinattos Seguros e a Coris oferecem condições especiais aos associados do SINAL para a contratação de sua Assistência Viagem Benefício extensivo aos acompanhantes do associado



#### Com uma simples ligação.

Em todos os destinos, nos cinco continentes, a CORIS está presente para prestar assistência nos diversos imprevistos que podem ocorrer durante uma viagem, nosso grande diferencial é a assistência própria, o que possibilita maior agilidade e rapidez no atendimento prestado ao passageiro.

Seja a lazer, estudos ou negócios, não deixe de adquirir um dos nossos cartões de assistência ao viajante.

- Líder absoluta de mercado com 30 anos de experiência e profissionalismo,
- Alto padrão de qualidade e confiabilidade,
- Atendimento 24 horas por dia, durante os 365 dias do ano,
- Profissionais altamente qualificados para prestar o melhor atendimento,
- Maior e mais diversificada linha de produtos.

## Sempre perto de quem está longe.



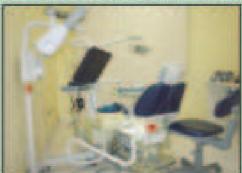
www.coris-emissoes.com.br

# Alimento que verificanhese. Alimento que mis propriem para verib



### UMA NOVA CLÍNICA EM SEU BAIRRO







FREIHA HIGH CLINIC - Clínica de Otorrinolaringologia, Odontologia e Fisioterapia

Rua Cardoso de Moraes n.º 25 - Bonsucesso - RJ - (Praça das Nações)

Tels.: (21) 2590-2515 - 2560-3145 - 2560-5096 - 3471-2447 - Cel.: (21) 8858-5096

E-mail: freihaclinic@hotmail.com

#### OTORRINOLARINGOLOGIA Adultos e Crianças

- Clinica e Cirurgia
- Audiometria
- Videolaringoscopia
- Endoscopia Nasal
- Impedânciometria
- Exame do Labirinto
- Fonoaudiologia

#### ODONTOLOGIA

#### Clinicos Gerais com Area de Atuação em:

- Periodentia
- Endodontia
- Cirurgia Oral
- ➡ Odontopediatria
- Ortodontia
- Dentistica
- Prótese
- Clareamento a laser
- implante

#### **FISIOTERAPIA**

- Fisioterapia Respiratória
- Fisioterapia Traumatológica
- Fisioterapia Neurológica
- R.P.G.
- Pilates
- Auriculoterapia
- Drenagem Linfática
- Massoterapia

Implantes dentários são raízes artificiais que são colocadas (implantadas) no osso mandibular ou masilar, criando uma base sólida para fazer ambas as restaurações unitárias, tais como as próteses pareiais ou totais, e funcionam exatamente como os dentes naturais. Os Implantes dentários permitem-nos mastigar com total conforto, sorrir e falar com a mesma segurança que os nossos próprios dentes.